

***DESCENDÊNCIA: UMA
HONRA BIOLÓGICA*** Livro 116

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



MINHA ORIGEM

Indocumentado, tenho minha origem carregada como uma ferida aberta, dali vertem valores, sangue do meu sangue, ancestrais pilares, guias desperdiçadas por inconsequentes que ainda não pensam retrospectivamente. São os que não se pensam nem nunca sabem existir milênios antes dos partos.



O SILÊNCIO DOS FARÓIS

Tendo os olhos cansados de tanta adoração. O que não alcanço entender é o porquê do silêncio dos faróis, que se negando a ouvir os barulhos, bastando-se com iluminar, estejam contentes em seus lugares, altivos e impassivelmente funcionais, parecendo estátuas.

Porque tanto temer a esse mar que é uma das formas de natureza? Seus murmúrios poucos ouvem, seus gemidos se fragmentam na rebentação das pedras que o recebem gentil, deixando-se cobrir de espumas.

Fingido mar, quando todos pensam ali estar sua morte incessante ele retorna ao curso de sua máxima função, entre marés que levam e trazem o mar, ele sóbrio e abstinente, respeita as luas que ordenam os movimentos e avisam limites.



GALATEO OU DOS COSTUMES – GIOVANNI DELLA CASA

“...aqueles que sabem zombar de modo amigável e gentil são mais amáveis que os que não sabem nem podem fazê-lo. Mas é mister resguardar-se nisso de muitas coisas, e, posto que a intenção do zombeteiro seja divertir-se com o erro de quem tenha alguma estima, é necessário que o erro em que é levado a cair seja tal que nenhuma vergonha notável, ou nenhum grave dano se lhe siga; de outro modo mal se poderia distinguir as zombarias das injúrias”.

CADA PEDAÇO

Cada pedaço de mim em cooperação transporta singulares amenizados para servir em conjunto indissolúvel o sangue, o pó e, no centro, os sonhos sepultados dos meus ancestrais.



ESTRELAS CADENTES VAZIAS

Que nunca falte espaço para os amores, para as festas que improvisam agora com novas alegrias, que sejam sagrados por teimosia, expulsando solidões inoportunas para resignar-nos com vacinas e instalem a perda dos apetites derivando tormentas e maus exemplos sustentados como troféus das discórdias, são as estrelas cadentes vazias de sonhos que atropelam os sentidos quando eles brotam virgens, sem medos.

SOREN KIERKEGAARD

Arriscar-se é perder momentaneamente o equilíbrio.
Não se arriscar é perder-se a si mesmo.



A INSPIRAÇÃO

Não morrerá a inspiração pela minha mão escritã, nem pela minha boca transportadora dos versos que ventam motivos. Que o livro defenda a chama eterna, que não se apague a lembrança esquecida depois dos encontros, sempre efêmeros, até que os desejos desacelerados desembarquem de cada viagem.

ESOPO - O AVARO (Hsr.253, Ch.344)

Um avaro converteu em dinheiro toda sua fazenda e inverteu em um lingote de ouro, escondeu-o em uma parede e passou a vida indo continuamente a vigiá-lo. Um dos operários do lugar observou suas idas e vindas e suspeitou a verdade, saiu e lhe tirou o tesouro. O avaro, quando voltou, encontrou vazio o esconderijo, chorava e tocava os cabelos. Alguém que o viu sofrendo tanto perguntou o porquê, lhe disse: “Não te aflijas, companheiro, pega uma pedra, e põe no mesmo lugar e pensa que tens ali o tesouro, porque quanto o tinhas não te servistes dele”.

A fábula mostra que nada é o guardar se não se lhe acompanha o uso.



EXCESSOS

Andei cometendo excessos, deixei vestígios meus no caminho das pedras de Sintra. Acabo de perder o equilíbrio, sem a precisão nos meus passos me descontrolo, negocio a repartição dos segredos que me equilibram.

MEUS MAIORES VAZIOS

Te localizei entre meus maiores vazios. No lugar das memórias mais fundas, onde guardei as desvantagens, te presto uma homenagem antes que passes a ser o efêmero. Te escondo longe das minhas iras, atuando como se nunca houvesse estado.



ARSUAGA - A PALEONTOLOGIA ATESTA A CONTINUIDADE

A Paleontologia não é uma disciplina que se ocupe exclusivamente do passado como algo irrevogável, cancelado e abolido, morto e desaparecido para sempre, um compartimento do tempo diferente e separado do presente do que está incomunicado como em uma cápsula...As espécies desaparecidas, apenas conhecidas por um punhado de fósseis, são a matéria obscura do tempo. Sem elas é impossível entender nosso presente. A paleontologia não é uma bela curiosidade, um objeto

empoeirado da tenda do antiquário, que já não nos diz nada, que versa sobre uma questão interessante, porém que nos resulta alheia porque seu tempo passou. Pelo contrário, o traço principal da paleontologia não pode ser outro que o da continuidade, precisamente porque é uma ciência histórica. Ao estudar nossa evolução, nós investigamos e nos explicamos a nós mesmos.



A MATÉRIA OBSCURA DO TEMPO - George Gaylor Simpson (1949)

É importante dar-se conta de que o ser humano é um animal, porém é todavia mais importante compreender que a essência da sua natureza única reside precisamente nessas características que não comparte com nenhum outro animal. Seu lugar na natureza e seu supremo significado para o homem não estão definidos por sua animalidade, mas por sua humanidade.”

***CHARLES DARWIN, A ORIGEM DO HOMEM,
(1871)***

E devemos reconhecer - assim me parece - que ao Homem, com todas suas nobres qualidades, com as simpatias que abriga a favor dos mais degradados, com a benevolência que presta, não só aos demais seres humanos, mas as criaturas mais humildes, com seu intelecto divino que penetrou os movimentos e a constituição do sistema solar; com toda esta exaltação de faculdades, o Homem leva ainda em sua estrutura corporal o selo indelével de sua baixa origem.



MEU ENTUSIASMO

Que meu entusiasmo seja, mais um, ou o final, porém que seja, ainda que seja um minuto, o que se sabe fazer, valer o eco das lembranças, a fé de sonhar, a surpresa da raiz multiplicada, a origem da alegria, a gota de sal do riso ou do pranto, os acasos a favor da minha louca saudades sendo o anjo-protetor.

HISTÓRIAS FENÍCIAS

Histórias como o Rapto de Europa e a chegada de Cadmo também apresentam influências fenícias.

Na Fenícia, por exemplo, a divisão tripartida entre Baal, Mot e Yam parece ter sido influenciada pela divisão haviada na mitologia grega entre Zeus, Hades e Poseidon.

Os templos fenícios, dedicados a Melcarte nos diversos portos mediterrâneos passaram a ser conhecidos, durante o período clássico da história grega, como sagrados para Hércules.

A cultura fenícia teve um grande impacto sobre as culturas da bacia do Mediterrâneo no início da Idade do Ferro, que por sua vez também os influenciaram enormemente. A recuperação da economia mediterrânea, após o colapso ocorrido no fim da Idade de Bronze, parece ser em grande parte obra dos comerciantes e príncipes-mercadores fenícios, que restabeleceram o comércio de longa distância, como o existente entre o Egito e a Mesopotâmia, durante o século X a.C. A revolução jônia foi, pelo menos na história lendária, liderada por filósofos como Tales de Mileto e Pitágoras, ambos filhos de pais fenícios.

Motivos fenícios também estão presentes no período orientalizante da arte grega, e desempenharam um papel formativo na civilização etrusca, na região da Toscana.

Altiburius, cidade da Argélia, a sudeste de Cartago, que vem do fenício “Iltabrush”;

Bosa, na Sardenha, do fenício “Bis’en”;

Cádiz, na Espanha, do fenício “Gadir”;

Dhali (Idalion), no centro da ilha de Chipre, do fenício “Idyal”;

Érice (Erice), na Sicília, do fenício “Eryx”;

Malta, ilha no Mediterrâneo, do fenício “Malat” (‘refúgio’);

Mário, cidade no Chipre ocidental, do fenício “Aymar”;

Oed Dekri, na Argélia, do fenício “Idiqra”; e

Espanha, fenício “I-Shaphan” (‘Terra dos Hírces), latinizado posteriormente como Hispania.

SÍMBOLOS DA CONCÓRDIA

Quais são os símbolos da concórdia? Compartilhar à comida como mostra de um encontro pessoal, ter um encontro fortuito, um projeto de construção conjunta, um ajuntamento ou algo mais profundo? Entre o fecundo e a infertilidade, está o aproveitamento ou a condenação (ao auto desterro).



CARACTERÍSTICAS DA FENÍCIA

A fenícia, terra de marinheiros e comerciantes, ocupava uma estreita área, com aproximadamente 40 km de largura, entre o mar Mediterrâneo e as montanhas do Líbano. Atualmente essa região corresponde ao Líbano e a parte da Síria.

O solo montanhoso da Fenícia não era favorável ao desenvolvimento agrícola e pastoril. Vivendo em pequeno território, o povo fenício percebeu a necessidade de se lançar ao mar e criam o comércio

como modalidade de intercâmbio cultural pelas cidades do Mediterrâneo. O sucesso comercial e marítimo da Fenícia nesta região considera uma encruzilhada de rotas comerciais das caravanas de comercio que vinham da Ásia em direção ao Mediterrâneo. Sendo a Fenícia rica em cedros, usaram esta valiosa madeira para a construção de seus barcos. Suas principais cidades Ugarit, Biblos, Sidon e Tiro tinham seus portos com praias repletas de um molusco (múrice), do qual se extraía a púrpura, corante de cor vermelha utilizando para o tingimento de tecidos, valorizados pelas elites de diversas regiões da Antiguidade.



PESQUISAS ESPANHA

Os começos do I século a.C. trouxe um avanço para os povos da península ibérica. Após um período de frequência, enlaçando e potenciando as redes de contato comercial mediterrâneas para abrir novos mercados e obter os desejados metais -tão abundantes

nestas terras-, os fenícios terminariam estabelecendo suas primeiras colônias permanentes e desenvolvendo complexas redes de interação com a população local do sul e sudeste da Península, a que chamaram Ispanya. Com o tempo, algumas daquelas colônias teriam um importante desenvolvimento urbano e se construíram potentes cidades com domínio daquelas regiões, ao mesmo tempo que abriram vias de comércio estáveis até o Atlântico. A arqueologia das últimas décadas aprendeu muito acerca dos evasivos fenícios e seus padrões de assentamento e interpelação, com a criação da protoarqueologia e da protoengenharia nos oferece uma informação cada vez mais precisa sobre a origem das moradias, colônias, engenharia e arquitetura dos seus estabelecimentos, assim como sobre a exploração agropecuária, mineira e pesqueira implantaram e desenvolveram. No horizonte geográfico ficariam as míticas Casitérides, que hoje temos bem localizadas nos rios galegos; em seu legado cronológico, despontaria a sobrevivência de identidades fenícias inclusive durante a romanização de Hispania.

A COLONIZAÇÃO FENÍCIA

A colonização fenícia constitui um dos fenômenos históricos mais relevantes da história do Mediterrâneo antigo, pois deu lugar durante um século a uma das três grandes civilizações de alcance global no mundo então conhecido. Além disso, constituiu a difusão no Ocidente de avanços tecnológicos como a escritura, a metalurgia do ferro, a arboricultura ou a vida urbana e contribuiu ao desencadeamento de diversos processos de mudança social e econômico nas sociedades autóctones com as que estabeleceu relações em ambas margens do Mediterrâneo. Novos descobrimentos na Espanha e Tunísia mostram como o processo de colonização se iniciou com anterioridade aos começos do século VIII a.C., como indicavam os dados disponíveis até o começo deste século, o que obriga a rever muitos aspectos deste processo histórico.

***GADIR. O REFLEXO FENICIO NA PENINSULA
POR ANA MARIA NIVEAU DE VILLEDARY (UCA)***

De acordo com o texto transmitido por Estrabón (III.5.5), a fundação de Gadir por parte dos fenícios de Tiro teve lugar após duas tentativas falhadas a ambos lados das “colunas de Hércules”, identificadas com o estreito de Gibraltar. Após a terceira viagem, os destinos foram ao fim propícios e os tirios fundaram a cidade. Este acontecimento se situa “oitenta anos depois da queda de Tróia” (Veleyo Patérculo, História Romana I.2.3). o que remonta a origem de Gadir até o 1103-1104 a.C. aproximadamente e a converte na “cidade mais antiga do Ocidente” na historiografia posterior e no imaginário coletivo. Contribuindo a criar toda uma “tradição inventada” ao redor ao passado legendário da cidade, que se alimentou ao longo dos séculos ante a falta de restos urbanos que confirmaram a localização e antiguidade da colônia fenícia ocidental. Apesar da aparição de algumas peças singulares, o resto da cidade antiga, a colônia levantada pelos tirios, seguiram mostrando indescritíveis durante muito tempo.

***A IDENTIDADE FENÍCIA. AFIRMAÇÕES E PER-
VIVÊNCIAS
(FRANCISCO MACHUCA)***

As navegações e explorações técnicas fenícias pelo oceano Atlântico, deixaram numerosas marcas no registro arqueológico e, em menor proporção, na literatura grego latina. Os périplos dos cartagineses Hanón e Himilcon nas costas meridionais e setentrionais da África e Europa respectivamente, as atividades comerciais dos gaditanos no noroeste da Iberia descritas por Estrabón, a tradição das Casitérides, ou os confusos dados aportados por Avieno sobre o arquipélago das Estrímnides constituem o eco de uma atividade comercial, colonial e exploratória fenícia que abarcou quase todo o I milênio a.C. Se para os gregos as Colunas de Hercules constituíam um non plus ultra, um mundo quase desconhecido e, portanto, suscetível de acolher a mitos como os trabalhos de Hercules ou a localização de Tártaro, o Atlântico tinha poucos segredos para os experimentados navegantes fenícios, quem havia fundado empórios, feitorias e colônias nas margens atlânticas da Europa e África, mas além do estreito de Gibraltar.

AS CIDADES FENÍCIAS

A Fenícia era composta por um conjunto de Cidades-Estado, independentes entre si. Algumas com Monarquia Hereditária; outras dirigidas por um Conselho de Anciãos. As cidades fenícias tinham parte do controle das principais rotas do comércio marítimo. Com o desenvolvimento da construção de barcos e usando remos e velas, assim como referências de estrelas e pássaros orientando suas rotas. A cultura fenícia teve um grande impacto sobre as culturas da bacia do Mediterrâneo no início da Idade do Ferro, que por sua vez também enriquecidos pelo intercâmbio alcançado.



ITALO CALVINO – AS CIDADES INVISÍVEIS

“Se os homens e as mulheres começassem a viver seus sonhos efêmeros, todos os fantasmas se tornariam reais e começaria uma história de perseguições, de ficções, de desentendimento, de choques, de opressões, e o carrossel das fantasias teria fim.”

VELHOS E VELHARIAS

Os anciãos agitam ao repartir seus pertences, suas memórias, suas histórias, guardam na sua discrição o que não cabe no antiquário, arsenal do definitivo, coleções de objetos significados, mãos vazias, afetos anônimos depositados flutuando à espera de albergues, frágeis, vulneráveis ao esquecimento, feridos de morte por exílio de valores, até congelarem por falta de diálogo. Lembranças desbotadas não motivam reparações. Na quietude de suas gavetas desafiam os tempos atravessando com a prudência dos silêncios.

Roberto Curi Hallal



Roberto Curi Hallal

